

À BEIRA DO MAR

ARQUITECTURAS POR BAK GORDON, LUMINOSAS E MERIDIONAIS

José Manuel Fernandes

O livro *.bakgordon*, do arquitecto homónimo, revela um percurso afirmativo, original e inteligente. A edição, embora um pouco «livro de autor» em excesso, reunindo desenhos, fotos e textos (estes de Pedro Cabrita Reis, Frederico Tranfa e Ricardo Carvalho), é agradável e clara, explicitando os projectos mais interessantes deste arquitecto e, através destes, as suas preocupações criativas.

Formado em Lisboa, em 1990, trabalhou inicialmente com o arquitecto Carlos Vilela, com o qual ganhou o concurso que primeiro o tornou conhecido, para a Residência da Embaixada de Portugal em Brasília (1995), que na época não foi construído, e recentemente (2003) ressurgiu com novo projecto, igualmente interessante. Se for construído, como se deseja, formará por certo um conjunto qualificado com a notável obra da Chancelaria, por Raul Chorão Ramalho, dos anos 70. Será como que uma «casa-claustro» ao lado da «casa-pátio» de Ramalho.

De facto, o trabalho de Ricardo Bak Gordon, tem-se desenvolvido, projecto a projecto, sobretudo à volta de uma autêntica investigação sobre a tipologia e a construção da casa, sobre o sentido, o espaço e a forma de habitar hoje, um objecto unifamiliar – e no território rural mais do que no urbano.

Recuperando algumas imagens, mas sobretudo as “essências” da arquitectura popular (sobretudo do Sul, do mundo mediterrânico), que conjuga com uma procura de abstracção e de fundamento, traduzida frequentemente por uma espécie de «cubismo-moderno-vernacular», as suas habitações (Leiria, 2000, Boliquireme, 2002) exibem naturalmente o «cubo branco», decorrente do uso do módulo, do espaço elementar, aquadrado e repetível. O auge desta pesquisa, se assim se pode dizer, são as recentes «Duas Casas» (2003) na Casa Queimada, perto de Tavira (de facto uma só habitação, separada em duas construções totalmente isoladas e fronteiras, cada uma no alto de uma pequena colina), actualmente em obra; e a casa em Quelfes, perto de Olhão, que nasce, em projecto, a partir de um puro e simples quadrado em planta. Lutando com (e contra) os dramas da qualidade e das características construtivas em Portugal, as obras têm nascido, com força e exponteiidade, numa linha de arquitectura que procura as formas e materiais essenciais, procurando evitar os «clichés» fáceis, os materiais de exibição consumista – enfim os erros do vulgo e do costume.

Só por isto vale a pena enfatizar o caminho que Ricardo Bak Gordon está a seguir, e que a obra agora editada apresenta com erudição, mas também com eficácia: as fotografias são de formato decente e compreensível, com conteúdos úteis ao entendimento das obras; e os desenhos técnicos são de uma clareza bastante, reproduzidos em dimensões boas para a sua leitura. Os poucos textos incluídos também ajudam e contribuem para a compreensão de um trabalho que, indo a meio de um percurso, documenta e apresenta um caminho positivo e desejável.